

## Três mortos pela França<sup>1</sup>

Three died for France

Yves Pourcher

yves.pourcher@wanadoo.fr

---

**Resumo.** O artigo focaliza três soldados, mortos durante as batalhas da Primeira Guerra Mundial, através de variados documentos. Questiona a memória da guerra, aponta a atuação das famílias na tentativa de recuperação dos corpos e das diferentes versões de suas mortes e de seus atos. Discute principalmente os sentimentos dos familiares que, longe *do front*, buscavam saber o que aconteceu com seus filhos.

**Palavras-chave:** guerra, memória, morte.

**Abstract.** This article focuses on three soldiers killed in action during World War I, on the basis of several documents. It questions the memories of the war, presents the families' attempts at recovering the soldiers' bodies as well as the different versions of their actions and deaths. It discusses particularly the feelings of family members who, distant from the battlefield, sought information about what had happened to their sons.

**Key words:** war, memory, death.

---

Mais do que qualquer outra, esta guerra inventou a morte em massa. De todos os lados, francês, alemão, inglês, italiano, austríaco, russo, australiano, búlgaro e outras nações envolvidas no conflito, não se cessa de contar os mortos. Sobre os monumentos e nas igrejas, seus nomes estão gravados no mármore, no granito ou no xisto. 1914-1918, está escrito acima. Nos dias das comemorações e das festas nacionais, eles são lidos em público. Alguns escolhidos depositam coroas de flores. Combatentes veteranos saúdam segurando suas bandeiras. Convocados para a ocasião, grupos de crianças olham e escutam. Depois voltam às suas brincadeiras. Então, os lugares da lembrança reencontram o silêncio habitual.

Em Champagne, no Somme, em Verdun e nos outros campos de batalha, inúmeras sepulturas se espalham por entre os prados e sobre as colinas. Estes são territórios únicos. Sua nacionalidade é aquela dos mortos. Ingleses e americanos enviaram as pedras e as cruzes (Eksteins, 1989)<sup>2</sup>. Eles revolveram a terra, marcaram os lugares, compuseram uma paisagem. A cada ano, depositam-se buquês de papoulas e de cravos, brancos ou vermelhos.

Os sobrenomes, nomes, idades, graus de hierarquia, lugares e datas de falecimento são indicados. Ônibus e carros levam visitantes. Eles ficam por uma

---

<sup>1</sup> Tradução realizada por Isadora Vier Machado (isadoravier@yahoo.com.br).  
Revisão de Paula Pfluger Zanardi (paula\_zanardi@hotmail.com) e Carmem Cecilia (revisartese@yahoo.fr).

<sup>2</sup> Entre 1920 e 1923, os britânicos enviaram à França 4 mil lápides por semana.

hora ou duas, depois vão embora. Ao mesmo tempo, quase cem anos após o término desse conflito, a terra da França ainda entrega seus mortos. Eles são encontrados durante escavações e construções. Os serviços funerários se encarregam da exumação. Às vezes, eles conseguem identificá-los. Os corpos não identificados são destinados às valas coletivas onde são enterrados os soldados. Nomes são acrescentados a listas intermináveis. A história continua.

É justamente dela que eu gostaria de falar. Não dos imensos exércitos reunidos para lutar entre si. Mas de três destinos, três vidas entre outras, entrecruzadas no curso de uma longa pesquisa, que ressurgiram naquele momento, como para assinalar que eu estava errado, que uma parte de desconhecido ou de mistério ainda subsistia. Três mortos pela França que, antes de tombar, haviam conhecido as alegrias da infância, da juventude, da aventura e então, com esses dias e meses de guerra, sem dúvida, certamente, o desespero e o sofrimento.

## O zuavo<sup>3</sup> assassinado?

Como todos os outros, sua ficha é breve. Louis-Auguste-Arsène Letermelier, 4º zuavo de marcha, classe 1909, morto pela França em 3 de setembro de 1914, em Reuilly Sauvigny (Bélgica). Tipo de morte: morto pelo inimigo.

O soldado nasceu em 18 de janeiro de 1889 em El Kseur, província de Constantine, na Argélia. Uma das informações indicadas é falsa. O zuavo Letermelier não morreu na Bélgica, mas nas margens do Marne, em Reuilly-Sauvigny precisamente, na província de Aisne. Ele tinha 25 anos. A história parece banal. Entretanto, no desenrolar da pesquisa, ela se tornou extraordinária. Eu gostaria de contar como a descobri e então dizer como ela me escapou e no que ela se converteu ao conservar sua parte de desconhecido.

Tendo partido de Túnis com seu regimento, Louis Letermelier sobe ao *front* nos primeiros dias da guerra. Ele participa da batalha de Charleroi. Os exércitos franceses são derrotados. Começa a retirada. Ela dura vários dias. Os homens marcham até a exaustão. Em Reuilly-Sauvigny, o zuavo doente é abandonado. Ele morre no dia seguinte.

Esta é a primeira versão de uma história. Uma outra surge quando, nos arquivos nacionais em Paris, encontro um dossiê da justiça (A.N. BB18-2620-1844 A 19). O caso Letermelier é retratado ali. Ele começa por uma denúncia. Em Túnis, três anos depois da morte do zuavo, vários cartões postais chegam ao domicílio da mãe. Eles provêm de Reuilly-Sauvigny. Em um estilo desajeitado, fatos inacreditáveis são relatados.

Primeiro cartão, as palavras são escassas e sérias. “Cara senhora”, está escrito, “eis aqui aquela que testemunhou o terrível e assustador drama do qual vosso infeliz filho foi vítima. Guarde-o como lembrança.”

Um outro vem em seguida, mais longo e preciso. Em um estilo desajeitado, uma mulher conta o que viu, no dia 3 de setembro de 1914, voltando de Dormans, onde tinha ido vender fósforos contrabandeados. Ela seguia o caminho de sirga ao longo do Marne. De repente, um barulho. O que ela vê? Três homens afogando um quarto. Ela grita, chama-os de bandidos. Um deles levanta a cabeça. É o prefeito de Reuilly-Sauvigny! Ele a chama de vadia e diz que, se tivesse seu fuzil, atiraria nela.

O relato termina. Mas antes de colocá-lo no envelope, a mulher retorna aos últimos momentos do soldado que havia sido transportado ao edifício que abrigava o lança-chamas. Mulheres da aldeia tinham trazido para ele um caldo com um ovo batido e vinho adoçado. Depois de sua morte, tinham-no enterrado. Sendo seu caixão muito grande para o fosso, o prefeito quebrou-o junto com as pernas do soldado.

“Você o encontrará então em pedaços”, está escrito, “sem camisa, apenas um pedaço de coberta, ele está completamente nu.”

No dia 21 de junho de 1917, uma outra carta de outra mulher chega a Túnis. “Eu cuidei de seu pobre filho, que não parava de chamar mamãe, mamãe, sempre mamãe. Ele tinha seus motivos. Eu lhe disse que substituiria sua mãe. Ele pegou minha mão, que eu havia colocado sobre sua testa quente, e não queria mais largá-la. Esteja certa, senhora, de que é mesmo seu filho. Acho que ele tinha os olhos azuis, pois os vi somente entreabertos, uma barba loira bem clara e rala, mais para curta; tinha uns 23 anos, o tamanho eu não sei, pois o vi apenas à cama.”

Ela disse também que ele está enterrado no cemitério de Sauvigny e que os habitantes deste povoado depositam flores sobre seu túmulo. “Senhora”, termina ela, “é tudo o que posso lhe dizer; se você vier aqui depois da guerra, farei de tudo para lhe dar informações.”

A guerra continua. No fim da primavera de 1918, mais uma vez os alemães chegam ao Marne. Reuilly-Sauvigny está parcialmente destruído. Mas o rumo da guerra se inverte. Os invasores levantam acampamento. No dia 11 de novembro de 1918, o armistício põe fim ao conflito. A mãe deixa Túnis para ir a Reuilly-Sauvigny. “Palavra por palavra, pouco a pouco”, conta ela, “eu conheci a verdade abominável.” No dia 8 de junho de 1919, ela registra uma queixa contra o senhor Monnera,

<sup>3</sup> Trata-se de soldados argelinos, distintos pelo seu uniforme, que serviam no exército francês.

prefeito, por ter, com dois cúmplices, afogado seu filho. O pânico explicaria essa violência. Retomemos em detalhe o relato dessa história.

No dia 3 de setembro de 1914, as tropas francesas são perseguidas pelos alemães. O 4º Zuavo vaga pelo entorno. Em vista de um calor insuportável, soldados extremamente carregados marcham penosamente. Com febre, o zuavo Letermelier desmaia. Depois de tê-lo examinado, o médico major Zemb toma a decisão de abandoná-lo, encaminhando-o ao prefeito. Enfermeiros tiram suas roupas e o levam ao Albergue da União, situado na entrada do povoado. Depois eles se vão. Ofegante, o guarda campestre traz uma carta remetida de um povoado vizinho pelo comandante de um destacamento de vanguarda alemão. Nela consta que se, por acaso, suas tropas encontrarem armas ou soldados franceses, o vilarejo será queimado. Ensandecido de medo, o prefeito, ajudado por dois homens, toma então a decisão de transportar o zuavo para uma casinha situada às margens do Marne. Os alemães entram no vilarejo. Eles visitam as casas. Algumas horas mais tarde, partem novamente. O zuavo está morto.

Depois de quase dois anos, a mãe vem a conhecer esta história. Cartas chegaram até Túnis para lhe revelar o caso. Ela esperou o fim da guerra. Então se apressa até Reuilly-Sauvigny para conhecer a verdade. Agora está convicta. Ela acusa o prefeito de assassinato. Um processo é aberto. No dia 30 de agosto de 1919, o cadáver do zuavo é exumado. As autoridades constatam que o caixão é grande, que as pernas e os pés não apresentam nenhum sinal de fratura. Além disso, tomam conhecimento de que uma das mulheres que relatou os fatos não gozava de boa reputação, que ela tem mania de fazer denúncias. Interrogados, o prefeito e os outros indivíduos negam os fatos. Dizem que o zuavo morreu de febre e que eles o enterraram.

O caso continua. No dia 5 de março de 1920, o prefeito e os outros dois são responsabilizados. Mas a mãe do zuavo requer sua prisão imediata. Lança mão de fatos novos que, segundo ela, provam o crime. No momento da exumação, tinham autorizado que pegasse uma mecha de cabelo. Ao apalpá-los, ela sentiu a areia que, para ela, prova o afogamento. O promotor pede uma segunda exumação e uma perícia.

O processo se arrasta. De repente, surge a notícia da morte do prefeito. Há rumores de que ele se suicidou. Enquanto isso, ocorre a exumação, bem como a perícia. Esta última não deu resultado algum. “Teria sido necessário”, escreve o magistrado, “conduzir as investigações centradas em certos órgãos. Ora, desde a primeira exu-

mação, só restava do cadáver a ossatura recoberta de uma matéria gelatinosa.”

Contrariamente ao que havia sido dito, o prefeito teria morrido de um câncer agravado por uma doença do coração. As investidas da mãe e do irmão, os protestos dos combatentes veteranos, as intervenções políticas se mostram inúteis. O juiz decide pela improcedência do feito, decisão confirmada no dia 16 de julho de 1921 pela câmara de indiciamentos da corte de recursos de Amiens.

O caso Letermelier foi encerrado. À época, ele se mostrou tão escandaloso que ecoou amplamente na imprensa. “A morte misteriosa de um soldado francês”, escrevera, em 30 de junho de 1921, o *Le Journal de l’Indre*. “Nosso inquérito em Sauvigny”, dizia o *Le Petit Parisien*. “Judges mystified in Zouave case”, era enfim o título, no dia 1º de julho, do *The New York Times*<sup>4</sup>. De todos os cantos, repórteres chegavam a Reuilly-Sauvigny para investigar.

A partir daí, os arquivos tornam-se silenciosos. Parei a pesquisa, classifiquei os documentos recebidos e os apresentei. Em uma primeira vez, num livro de história, *Les jours de guerre* (Pourcher, 1994), publicado em 1994, com um capítulo intitulado “A morte do zuavo”. Mas o caso continuava a me assombrar. Retomei-o, mudando de projeto e de modo de pesquisar e escrever. Por várias vezes, em 1999 e nos anos que se seguiram, fui a Túnis, ao número 47 da avenida de Carthage, onde Louis Letermelier tinha vivido antes de partir para a guerra. Nesta rua da cidade colonial, encontrei um prédio de três andares com a fachada branca, ladeado de árvores. Persianas azuis se abriam para a sacada com grades em ferro forjado. O térreo abrigava uma garagem de automóveis. Fiquei lá, plantado durante muito tempo observando o movimento da rua e fitando as janelas. Algumas estavam abertas; outras, fechadas. Em 2006, enfim, misturando a história e a ficção, publiquei um romance, *Avenue de Carthage* (Pourcher, 2006), inspirado nesse caso. Vários anos se passaram. Sempre lamentei o fato de não ter ido até Reuilly-Sauvigny para procurar o túmulo do zuavo.

Num dia de 2009, navegando pela internet, digitei o nome do soldado no site Memória dos Homens, lançado pelo Ministério da Defesa e dos Combatentes Veteranos. Seu nome apareceu, bem como uma ficha de enterro que eu jamais tinha visto. Para minha grande surpresa, descobri que ele fora sepultado no cemitério municipal em Pont-Audemer, no departamento de Eure, na Normandia. Assim, de Reuilly, o corpo do zuavo havia sido transportado para lá. Isto teria sido feito depois da segunda exumação, ou por ocasião de uma terceira, efetuada a pedido de sua

<sup>4</sup> “Judges mystified in Zouave case; French authorities unable to throw light on crime charged to Mayor and Councilors. New witness is found. Villagers who kept silent for seven years now assert emphatically that the soldier was killed.”

família? Ainda na internet, num portal feito por genealogistas amadores, encontrei elementos sobre esse cemitério normando, que um voluntário tinha reunido. Escrevi a ele, pedindo informações complementares sobre o zuavo. Ele me disse que tinha feito o levantamento da seção militar de Pont-Audemer em 2007 e o tinha publicado no ano seguinte. “Eu me lembro”, explica ele, “de seu túmulo e de sua foto bonita, que não pude editar para colocar *online*, de tão degradada que estava.” Ele me disse também que o sobrenome Letermelier poderia ser encontrado em Saint-Paul-sur-Risle e Fort-Moville, localidades vizinhas de Pont-Audemer. Para ele, trata-se certamente de uma retomada do corpo empreendida pela família, porque esse túmulo era mais luxuoso que os outros<sup>5</sup>.

Deixei passar os meses. Um dia, enfim, retomei meu dossiê e escrevi a uma administração vinculada ao ministério dos combatentes veteranos<sup>6</sup>. “O enterro do soldado Letermelier”, responderam-me, “teve lugar depois da restituição do corpo. Esse soldado tinha morrido na Bélgica. O túmulo situado no cemitério municipal de Pont-Audemer não é de responsabilidade do Estado.”

Comuniquei essas informações ao correspondente do site Memorial-GenWeb, com quem eu tinha estado em contato. Ele me respondeu, então, me enviando uma foto do zuavo. Ela era de má qualidade. Mas, em um rosto comprido e fino, podiam-se distinguir uma testa alta e um bigode, olhos profundos. O zuavo estava usando a chechia<sup>7</sup> e o bolero. Ele me pareceu muito magro. “Apenas uma confusão pessoal”, me escreveu mais tarde esse genealogista, “eu achava que esse soldado tinha sido fotografado em pé, com seu uniforme, mas é uma imagem só do rosto. Note-se que poucos desses túmulos são decorados com placas doadas por pessoas próximas; no entanto, Louis Letermelier tem uma placa individual que eu também fotografei para você (estimativa: nos dez anos precedentes à Segunda Guerra Mundial) e também um vasinho em bronze para colocar flores, o que parece provar que naquele lugar alguém pensava nele: família, noiva, amigos? Isto explicaria por que seu corpo foi enterrado nesse lugar.”

O caso Letermelier estava temporariamente fechado. Ele havia aparecido, várias vezes, nos arquivos, nos *websites* dedicados aos mortos da Grande Guerra e por meio das mensagens enviadas por um entusiasta amador. Mas, no fim das contas, como o zuavo tinha sido morto?

Terrivelmente assassinado? Ou por sucumbir à febre e ao cansaço? No dia 20 de agosto de 1920, o tribunal de Túnis tinha dado sua resposta. Ele tinha concluído que Louis Letermelier fora morto pela França, “morto pelo inimigo”, no dia 3 de setembro de 1914. Seu registro de sepultamento indica que ele está enterrado em um túmulo individual do cemitério municipal de Pont-Audemer. A verdade parecia inacessível. Só restavam as conjecturas. Elas encobriam a história. “Morto pelo inimigo”, “morto pela França”, estava escrito.

## O desertor

Era um soldado experiente, com 32 anos, escalado voluntariamente na classe 1903, que tinha a seu favor 12 anos de serviço, oficial do 24º regimento de infantaria colonial. Desde o início da guerra, os homens dessa unidade eram enviados ao *front*. O diário de guerra relembra seus principais feitos em batalha. Agosto-setembro de 1914: batalhas de Ardenes, do Marne, de Vitry; depois, atuação no setor de Ville-sur-Tourbe e combates em Champagne. No início de janeiro de 1915, o regimento acampa na área de Hans. Conta com 31 oficiais e 2.483 soldados. No dia 20 de fevereiro, para compensar as perdas, recebe 208 homens e, no dia 5 de março, mais 215. Alguns soldados são abatidos, outros os substituem. A guerra segue a pleno vapor. No entorno de Massiges e do ponto 191<sup>8</sup>, os combates são terríveis: bombardeios incríveis, ataques alemães, contra-ataques franceses. Nas trincheiras e na terra de ninguém, os mortos se acumulam. Feridos gemem, outros gritam. O segundo-tenente Gervreau é enviado a Blois para um treinamento de artilheiro oficial. O conflito evolui. É necessário se adaptar continuamente às novas condições do combate, treinar homens, líderes. No início do mês de dezembro de 1915, a caminho do *front*, ele passa por Paris, para, tira seu uniforme e desaparece. Gervreau desertou<sup>9</sup>.

Vários meses se passam. Mas, na noite de 24 de setembro de 1917, no terminal de Saint-Jean-de-Luz, perto da fronteira espanhola, o inspetor auxiliar Clément Pataa espera o trem das 8 horas. Quando ele chega, homens e mulheres descem com os braços carregados de cestas. De repente, um casal intriga o policial. A corpolência, o caminhar e os gestos da mulher fazem-no

<sup>5</sup> Correspondência com o Sr. Philippe Frilley. Esta resposta data de 14 de dezembro de 2009.

<sup>6</sup> O polo das sepulturas de guerra.

<sup>7</sup> Chapéu tradicional árabe para os homens. Também é o chapéu nacional da Tunísia. Feito de lã macia malha e feltro, geralmente vermelha. Diferente do fez, que é de estrutura rígida com um adorno no topo. (N.T.).

<sup>8</sup> Durante a Primeira Guerra Mundial a topografia da França foi dividida em pontos numerados. O ponto 191, “cote 191”, domina a cidade de Massiges. (N.T.)

<sup>9</sup> O fenômeno da deserção permanece, contudo, marginal. Jules Maurin avalia que a insubmissão é maior do que a deserção e conta com 1,5% dos mobilizados. Esse número varia segundo a região (Pedroncini, 1992).

pensar que ela é, na verdade, um homem. Pataa os segue. No momento em que vê que eles vão se separar, avisa o oficial em serviço. Este persegue a mulher e Pataa corre atrás do homem, que escapole com um pacote volumoso envolto em jornais.

A mulher caminha em direção à praça Pluvisse. Ela para ao lado de uma árvore. Passa-se um momento. O oficial espera pacientemente, depois se aproxima e a interpela. Ela apresenta um salvo-conduto. Ele então a conduz a um posto onde o comissário é imediatamente notificado. Começa o interrogatório.

“- Eu sou um homem disfarçado, confessa imediatamente a mulher.

- Seu nome? Pergunta o comissário.

- Gervreau.”

Ele diz que vem de Bordeaux, onde uma mulher chamada Emma, que mora na esquina da praça Fondaudège e da rua Lafaurie, o autorizou a obter um salvo-conduto em nome de Jeanne Many. Desde fevereiro, Gervreau se relacionava com um homem chamado Eugenio Calvo, trabalhador espanhol que imprimia o jornal *La Liberté du Sud-Ouest*. Este último conhecia Saint-Jean-de-Luz por ter, há alguns anos, trabalhado na construção da linha do bonde elétrico. Vestido de mulher, Gervreau partiu com seu cúmplice.

Depois de ter deixado o desertor na saída da estação, Calvo se encaminhou ao nº 1 da rua do Hospice, na casa de um homem chamado Daniel Martinez, sapateiro espanhol. Ele colocou seu pacote no degrau de entrada. Este, encontrado e revirado, continha roupas de homem e, num dos bolsos, uma certidão de batismo em nome de Pablo Laso, nascido no dia 6 de junho de 1885, em Tudela, na Espanha. Preso ao pacote havia um pedaço de papel no qual estava escrito: “Para entregar ao Daniel; eu virei buscar o embrulho dentro de 15 minutos.”

Detido e interrogado, Calvo afirma ter vindo a Saint-Jean-de-Luz para buscar uma mulher e seus três filhos a fim de encontrar-lhes um lugar em Bordeaux. Ele diz que não conhece Gervreau. A busca efetuada na casa do dito Daniel Martinez não resulta em nada.

Gervreau veio a Saint-Jean-de-Luz pretendendo conseguir documentação espanhola, pois tinha a intenção de se integrar à Legião Estrangeira. Na realidade, escreve o comissário em seu relatório, as roupas e a certidão de nascimento deveriam possibilitar que ele atravessasse a fronteira para chegar à Espanha<sup>10</sup>. Os dois homens, Gervreau e Calvo, foram reencaminhados ao procurador da República para responder por deserção e cumplicidade.

Em 1994, no meu livro sobre o dia a dia durante a Grande Guerra, cito o relatório da polícia que retomo, em 2005, em artigo publicado numa revista destinada a um grande público e vendida em bancas (Pourcher, 2005-2006). Numa tarde<sup>11</sup>, meu telefone toca. Um homem se apresenta. Ele me diz que é neto de Maurice Gervreau, que leu o artigo e, assim, descobriu as condições da deserção. Pediu-me para lhe enviar uma fotocópia do relatório. Depois me contou o que sabia sobre seu avô.

Gervreau teve uma carreira militar extensa. Em 1912, encontrava-se na Cochinchina com o 4º colonial. Em 16 de julho de 1913, em serviço no Congo Médio, foi nomeado primeiro-sargento. Em 9 de agosto deste ano, em Bordeaux, casou-se com Jeanne Villedieu<sup>12</sup>, originária de Fleury d’Aude. Oito meses depois do início da guerra, no dia 27 de maio de 1915 precisamente, Maurice Gervreau foi promovido a tenente. Em 21 de junho, sua jovem esposa deu à luz uma menininha, Hélène. Ele desertou em setembro. A sequência é mais confusa. Não se falava nada na família. Era uma zona de sombras. Tinha ele vindo se refugiar em Fleury d’Aude junto com sua esposa e sua filha? Seus netos acreditam que ele tenha sido preso em um sótão. Talvez tenha sido pego antes de fugir, de se esconder novamente e de tentar ultrapassar a fronteira? Suas irmãs que moravam em Bordeaux devem ter tentado ajudá-lo enquanto estava na cidade.

Depois de seu processo, o tenente Gervreau foi degradado e enviado para o *front*. Ele morreu na Alemanha em 1918. Foi enterrado em Bordeaux. O mistério subsistiu. O que tinha feito Gervreau entre o mês de dezembro de 1915 e o dia 24 de setembro de 1917, dia de sua detenção? Onde tinha se escondido? E como tinha vivido? Sua filha nascera no mês de junho de 1915, no solstício de verão. Cinco meses mais tarde, o experiente soldado, na ativa desde os 18 anos, tendo servido nos quatro cantos do mundo, galgando pacientemente a escala hierárquica, tinha fugido. Talvez porque ele não suportasse mais a guerra, suas mortes? E porque queria viver junto daquela que ele amava e de sua pequena filha?

Perguntei ao neto se ele tinha cartas, fotos. Ele me respondeu que jamais tinha visto fotos de seu avô e nunca encontrou correspondências. Sua avó partira levando consigo seus segredos. Alguns anos se passam. Para um novo trabalho, reabri o dossiê e liguei para o neto<sup>13</sup>. Mais uma vez, falamos sobre o tenente. Ele faz menção, então, a outro fato completamente inédito. Escrevo meu texto e lhe envio assim que é publicado. Algum tempo depois,

<sup>10</sup> Sobre essas deserções na fronteira e no País Basco, ler Ott (2008).

<sup>11</sup> Em 21 de dezembro de 2005.

<sup>12</sup> Ela faleceu em 1962.

<sup>13</sup> Na primavera de 2009.

recebo esta carta que diz respeito ao caso e, para mim, é tão importante que a transcrevo aqui em sua totalidade.

“17 de maio de 2009.

Senhor,

Acabo de receber sua correspondência. Li com muita atenção o seu artigo. Ele faz reviver de forma lúcida uma página da vida desse avô que foi, para a família, um grande mistério.

Você ressaltou um período cinzento, dando vida ao caminho tão cheio de obstáculos desse homem, pelo menos assim penso eu. Sem justificar sua dolorosa decisão, talvez, ela põe às claras os humores desses homens diante da atrocidade desta guerra. Eu acho que durante alguns meses ele se escondeu em Fleury, mas isso somente minha avó poderia dizê-lo; mas para a filha de um oficial (seu pai), tendo sido aluna do colégio da Legião de Honra, esse seu drama permaneceu enterrado nas profundezas de sua consciência.

Logo que você me telefonou, há dois ou três meses, mencionei que meu avô paterno tinha sido detido pelos alemães e encaminhado ao campo de Buchenwald. Quando de sua volta, graças à amizade de Albert Sarraut, senador de Aude, conseguiu que Maurice Gervreau fosse incluído no monumento aos mortos de Fleury na condição de morto pela França. Assim, de uma guerra à outra, meus dois avôs viveram situações diferentes. Se é bem verdade que eu conheci e admirei o segundo, não é menos verdade que respeito a atitude do primeiro.

Agradeço-lhe por todos os elementos mencionados no artigo e por sua gentileza; aceite meus sentimentos mais cordiais.”

O neto, que, para sua carreira, seguira a tradição familiar ao se tornar policial, tinha me contado essa história incrível. Graças a seu avô materno, deportado durante a Segunda Guerra Mundial, o nome de Maurice Gervreau pôde ser gravado no monumento de Fleury d’Aude, cidade de sua mulher, onde ele talvez – quem poderia saber? – se escondeu para fugir da guerra. Por meio dessa troca simbólica e dessa confusão dos tempos, o desertor tinha se convertido em um “morto pela França”. Sobre o outro avô, o pai do pai, eu não tinha perguntado nada ao neto, e nada fiquei sabendo a respeito. De onde ele era? Teria conhecido Maurice Gervreau? Vítima da barbárie nazista, o deportado tinha, mais do que qualquer outro, conseguido mensurar o significado das palavras: sofrimento, coragem, desespero, loucura dos homens. Só, contra o Estado e suas leis implacáveis, ele conseguiu honrar o nome do desertor a fim de que seus netos tivessem amor e respeito por ele.

## O corpo de um filho

A história dessa guerra povoa bibliotecas. Estes livros contam como o país alista seus homens, os jovens e os outros, como os chama, os reagrupa, os equipa e os envia ao *front*<sup>14</sup>. Aqueles que ficam esperam o retorno dos que partiram. Todos os pensamentos se voltam a eles. Os dias de guerra são dias de saudade. Maridos, amantes, filhos: onde eles estão? O que estão fazendo? Jamais, até então, tinha-se experimentado tal necessidade de notícias. Diante das prefeituras e das bancas de jornais, grupos se formam. Eles leem os comunicados oficiais que tranquilizam ou preocupam. Os soldados escrevem. Suas famílias, angustiadas, esperam suas cartas. Entretanto, no início da guerra, os sentimentos eram bem diferentes. Quando os sinos tocaram para anunciar a mobilização, havia esse estupor estranho que está relatado nos escritos dos professores, essa paralisia do pensamento que revelava a incapacidade de compreender o evento. Então, entre murmúrios e gritos, as pessoas recobram a consciência. Gestos tomaram forma. Foi preciso juntar as coisas, arrumar malas e pacotes, separar-se. Os homens partiram não com entusiasmo, como por muito tempo se acreditou, mas forçados pelo dever coletivo (Becker, 1977). Com seus camaradas, seus vizinhos, os garotos da mesma idade e todos os que vinham de regiões próximas, eles haviam marchado. Subiram em trens, acenaram às pessoas. A urgência do trabalho ocupava suas famílias. Por estes ausentes, era necessário aceitar o desafio.

Cortar o trigo, colher as uvas, tratar dos animais, fazer o pão e cuidar das lojas. Agora, braços de mulheres (Thébaud, 1986), idosos e crianças se encarregavam do futuro. Então chegou o frio. Primeiro inverno durante a guerra! Sentados ao lado da lareira, mais do que nunca, pensava-se neles. E assim revisitavam o passado. Imagens desfilavam. Elas mostravam os homens trabalhando, gritando nos bares, chamando as garotas. O vazio era enorme. Silêncio imenso! Não aquele do luto, mas aquele igualmente nocivo da espera. Mães, noivas, pais contavam os dias.

De todos os lados, a guerra ressoava como um imenso eco. Nada lhe escapava, a economia, a religião, a autoridade, os livros, os diários e as cartas. Desde a zona de combate, a guerra avançava incessantemente para trás, alcançava os campos, as cidades, estendia-se até o mar. O terremoto era imenso. Era como o suspiro brusco de um corpo doente, a gangrena de um país inteiro. A guerra, que no início nada mais era que uma palavra, depois

<sup>14</sup> “Em 15 de agosto de 1914 a mobilização atingiu quase 4 milhões de homens; em 1º de julho de 1915 chegava próximo de 5 milhões”, lembra Becker (2002).

virou cartazes, imagens, fotos, caricaturas. Uma fronteira implacável separava os dois campos. De um lado, “nós”, os franceses bons, corajosos, justos. Do outro, logo à frente, os inimigos, feios, cruéis, bárbaros. Oposição radical, se preferirmos acreditar em Carl Schmitt (1992, p. 67)<sup>15</sup>.

Lá estava a imagem repugnante da guerra. Ninguém passava imune. Nas ruas das cidades e nas estradas dos campos, carteiros seguiam apressados com embrulhos em suas bolsas. Batiam às portas das casas. Ouviam-se gritos, mulheres, idosos desmaiavam. Os funcionários do correio saíam apressadamente para continuar com seu trabalho. Sobre as mesas, apoiados na borda, dobrados ou abertos, exibiam-se os avisos de óbito. A noite caía. Mas doravante o sono era impossível.

Vivida de início como um bloco compacto, coletivo e massivo, a guerra pouco a pouco se dividiu. Invasivamente, ela foi penetrando os universos íntimos. Cada um a via à sua maneira. No norte, no sul, no oeste, no leste, nos inúmeros povoados e nas cidades, a guerra lá estava. Impossível concebê-la como um todo. Para descrevê-la, é imprescindível reduzir o foco. Adotemos então este método<sup>16</sup>.

Começamos, desçamos ao sul do país, olhemos e escutemos. A cidade onde estamos é a menor da França, situada ao sul do Maciço Central, no centro do departamento de Lozère. Havia 7 mil habitantes em 1914. Desde 30 de abril de 1916, o prefeito, um radical-socialista confesso, mantém um diário de sua vida cotidiana. Sobre as páginas brancas de um grande caderno, ele anota o fluxo dos refugiados, a paralisação das instituições, a extensão da carência e da pobreza. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, as noites parecem longas, o frio intenso. A própria natureza parece perturbada.

“Há alguns dias”, escreve o Sr. Joly no dia 16 de junho de 1916, “vivo horas muito dolorosas. Eu não sei de nada e esses pais desolados, essas mães em lágrimas, essas irmãs desesperadas, essas esposas enlouquecidas acreditam que sei de alguma coisa e que, por piedade a eles, não quero dizer nada. Nesse momento as funções de prefeito são difíceis de se exercer.” A grande batalha de Verdun está em pleno andamento. Com vigor, ela elimina os homens.

O prefeito publica os nomes dos mortos. Ele os conta precisamente. Durante algumas semanas, a morte parece se afastar. Então ela volta e leva os irmãos. Os mais novos morrem depois dos mais velhos. Nas listas, nomes se somam aos sobrenomes. Vários mortos em cada família! O prefeito vai até as casas para ler os avisos de óbito.

“Eu não pude fazer nada a não ser chorar com eles”, escreveu ele em seu diário íntimo. “Eu não tinha, na realidade, nada para dizer a esse pai e a essa mãe que sabiam há poucas horas que, em uma ofensiva, diante de Douaumont, seu filho tinha sido ferido na cabeça e nas pernas e que, depois de ter sido colocado em um pequeno abrigo por seus camaradas, foi morto por um estilhaço de projétil.<sup>17</sup>”

As dificuldades se acumulam. “Os padeiros”, escreve ele no dia 5 de julho de 1917, “me avisaram que estão sem farinha e amanhã seus fornos serão fechados.” “Que vida! Meu Deus! Que vida!”, acrescenta ele. O prefeito conta os sacos, fica preocupado. Faltam carvão, petróleo, lã. Ao mesmo tempo, as requisições para pegar animais e cereais não têm fim. O pão torna-se cinza, a fome espreita. De seu escritório, o governante lança um grito alarmante. Sua carga de trabalho é enorme. Ela se soma a outras preocupações, estas últimas pessoais, íntimas. Porque o prefeito é pai. Como em tantas outras famílias, seu filho está na guerra. Filho único da família, nascido em 1889, Paul Joly é motivo de orgulho. Seu pai tem duas paixões na vida: o trabalho e o filho. Duplo orgulho também, por sua posição social e por esse filho para quem ele imagina o melhor futuro possível. Em seu diário, constantemente fala do filho.

Viremos as páginas. O que ele diz? O que vê? Republicano patriota, Emile Joly é um homem de esquerda, em uma região católica. Proclama seu amor pela França, sua confiança na vitória. Para ele, essa guerra é justa. Os alemães são agressores violentos e cruéis. Por meio de seu filho, como boa parte dos homens de sua geração, ele vive a guerra que jamais teve. Pois desde o conflito de 1870 contra a Prússia, a França não participou de nenhuma outra guerra europeia. Sua lembrança é turva. Quatro décadas depois, pais sonham com essa glória que eles jamais tiveram. Pedem aos filhos que façam aquilo que eles acham que teriam sido capazes de fazer. Para Emile Joly, Paul só pode ser um bom oficial que corajosamente guia seus homens pelo caminho da honra.

Seu filho está na *front*, e seu pai o acompanha com o pensamento. “Recebi hoje”, escreve ele em 11 de maio de 1916, “uma carta de Paul que anuncia sua partida para Dannemarie, Alsácia, onde seu batalhão vai construir trincheiras. Eles enfrentarão o fogo da artilharia boche, em Altkirch.”

Paul vem de licença. Ao lado de seu filho em uniforme, o prefeito desfila pela cidade. Ele tira fotos

<sup>15</sup> “O inimigo não é senão um conjunto de indivíduos agrupados, confrontando um conjunto da mesma natureza e engajado em uma luta no mínimo virtual, quer dizer, efetivamente possível” (Schmitt, 1992, p. 67).

<sup>16</sup> É o método da micro-história, cujo representante mais famoso é Carlo Ginzburg.

<sup>17</sup> 16 de junho de 1916.

que cola depois em seu diário. As horas vividas juntos são preciosas. “Paul partiu essa manhã”, anotou o prefeito no dia 8 de agosto de 1916, “no trem das 11 horas. Ele chegará amanhã à noite a Giromagny. Será que ficará por muito tempo nessa região tranquila? Como são dolorosas essas separações! Dolorosas a ponto de maldizer essas licenças, tão desejadas, no entanto, e tão reconfortantes também, pois elas nos permitem constatar quanto nossos filhos são belos em coragem, como exacerbam confiança, de maravilhosa vivacidade e sublimes na serenidade de sua fé patriótica.”

Para essa guerra, o prefeito oferece uma parte de seu patrimônio. “Em 2 de novembro de 1916”, escreve ele, “fiz um depósito no Banco da França, de 810 francos de ouro, em moedas de 100, de 50 e de 40 francos. Pedi que o recibo, atestando o depósito, fosse expedido em nome de meu filho Paul Joly, tenente do regimento 81 da infantaria.”

Paul voltou para a família, depois partiu novamente. “A licença de Paul terminou”, anota seu pai no dia 17 de abril de 1917. “Esses nove dias passaram rapidamente. Nós tiramos muitas fotos e revivemos deste modo belos dias como aqueles dos tempos de paz. Paul partiu no trem das 11 horas.”

No dia 4 de novembro, o filho escreve novamente para dizer que seu regimento deixou o setor do noroeste de Reims em direção a Verdun. A família espera. De repente, uma carta terrível chega. O prefeito se isola, depois volta ao seu diário.

“Três dias, duas noites de lágrimas!”, escreve ele no dia 18 de novembro de 1917. “A tristeza que nos acomete é apavorante. Jamais nos consolaremos, não queremos ser consolados. Paul tampouco quer que paremos de chorar. [...] A morte de Paul é para nós uma catástrofe; é o fim da nossa razão de viver; a ruína de todas as nossas esperanças.”

Morto no dia 9, o filho foi enterrado, na trincheira onde foi abatido, somente no dia 16 de novembro. O prefeito se sente ultrajado por essa situação. Em protesto, ele escreve ao coronel no comando do regimento, ao senador e ao ministro de Estado, Paul Doumer, que conheceu quando era professor de matemática no colégio de Mende.

Alguns dias depois, Paul Doumer responde. Em sua carta, diz-lhe que ele também sofreu muito, e que, depois de uma longa convalescença, um de seus filhos, aviador, sucumbiu ao ataque de seis aviões inimigos. Um outro já tinha sido enterrado, na Lorena. Enfim, no dia 24 de fevereiro de 1916, em Verdun, a alguns quilômetros de distância do local onde morreu o filho do prefeito, seu primogênito foi gravemente ferido.

“Compartilho com você meu pesar, que não pode atenuar o seu”, termina ele, “para que você perceba que suas torturas são as mesmas da maioria dos pais e que, na terrível batalha em que nossos filhos estão envolvidos, eles acabam, com frequência, descansando anonimamente na terra da França pela qual se sacrificaram.”

O prefeito guarda a carta do ministro. Mas não se resigna. O silêncio das autoridades o revolta. Escreve sem cessar para exigir a verdade. Mas, no dia 30 de novembro de 1917, enfim se resigna: “O sacrifício está consumado! Não se permite mais a dúvida. A verdade atroz, assustadora é esta: Paul está morto! A recompensa suprema, aquela que é dada aos mais bravos dentre os bravos, foi-lhe concedida. Sua morte é bela dentre as mais belas; nós temos o direito de ficar orgulhosos, muito orgulhosos, orgulhosos; sim, mas não temos mais o nosso Paul! Não teremos sequer um túmulo!”

Uma outra mensagem do ministro Paul Doumer chega. “Não peça mais desses detalhes atrozes que o inquietam inutilmente”, diz ele. “O senhor sabe que seu filho foi morto imediatamente, abatido na cabeça, no sufoco do combate. Ele não sofreu, nem mesmo pôde ver que estava morrendo. Este é o consolo que o senhor pode ter, ai! Eu vou aos exércitos toda semana; irei até lá em breve, procurarei ir o mais perto possível da terra onde seu filho foi abatido.”

No dia 12 de dezembro de 1917, a prefeitura de Mende recebe, enfim, um comunicado oficial do óbito do tenente Paul Joly. O prefeito traça quatro longas linhas em seu diário, depois retoma sua escrita cotidiana na solidão e no silêncio. Sobre o retorno dos restos de seu filho, ele nada diz. O que poderia fazer se, desde 19 de novembro de 1914, a exumação e a restituição dos mortos na guerra eram estritamente proibidas? Mas, por amor a seu filho, o prefeito ignorou essas determinações. Será que ele fez como outros, chamando essas empresas que, clandestinamente e por dinheiro, recuperavam os corpos? Não sei. No dia 29 de dezembro de 1918, Emile Joly morreu de gripe espanhola. Em um túmulo bonito do cemitério Séjalan, restaurado recentemente, ele repousa ao lado de seu filho. Nas placas, há nomes e datas: Paul Joly, 1889-1917; Emile Joly, 1865-1918. Várias cópias do diário do prefeito existem na cidade<sup>18</sup>.

Depois da morte do prefeito, o regulamento muda<sup>19</sup>. A lei de 31 de julho de 1920 prevê que o Estado arque com os custos da transferência dos restos dos mortos na guerra. A partir desse momento, as famílias tiveram a possibilidade de reaver os corpos de seus parentes pró-

<sup>18</sup> A que eu li me foi enviada pela família. Mas a biblioteca da cidade possui um exemplar. Havia um projeto de publicar esse texto tão interessante para os historiadores.

<sup>19</sup> Ver Pourcher (1993); Hardier e Jagielski (2001) e Pau (2010).

ximos. No país, comboios de mortos se formaram. Eles serpentearam pelos quatro cantos da França. Em Mende, no dia 4 de julho de 1921, os caixões dos sargentos Gabriel Deltour, François Beys e do soldado Gerbal entraram na estação tomada pela multidão. Colocados sobre uma enorme carroça, puxada por dois cavalos, enfeitados de preto, os caixões foram levados até a catedral. Depois da missa, foram encaminhados ao cemitério. O prefeito, o senador e o presidente da associação dos combatentes veteranos proferiram discursos. A cerimônia durou quatro horas<sup>20</sup>. Nos meses e anos seguintes, outros corpos chegaram para ser conduzidos aos túmulos de suas famílias.

Graças a registros de arquivos e testemunhos, três histórias de soldados foram reconstituídas. Mas cada uma delas guarda sua parte de mistério. Como o zuavo foi morto? E por que, depois de uma longa investigação de justiça e duas exumações, a família insistiu em afrontar essa dura prova da restituição do corpo? O fim que levou aquele que escolheu desertar, em vez de continuar a enfrentar o horror da guerra, é também inquietante. Morto em 1918, enterrado em Bordeaux, seu nome foi inscrito a 411 quilômetros de lá, no monumento aos mortos da cidade onde vivia sua mulher. As condições do retorno do corpo do filho do prefeito também permanecem desconhecidas.

À margem do destino desses três homens atingidos pela guerra e pela história do país, impõe-se, tenaz e obstinada, a vontade de suas famílias. Uma mãe, uma esposa e seu irmão, um pai, que conseguem contornar a lei do Estado. Tendo deixado a Tunísia, morto não muito longe de Paris, o zuavo descansa agora numa cidade da Normandia. O nome do desertor está gravado num monumento do Aude. Enfim, apesar da proibição de exumação, um prefeito conseguiu retomar o corpo de seu filho. No fim das contas, quaisquer que tenham sido as condições de suas mortes – assassinato, doença, guerra? –, esses três soldados podem ser considerados como mortos pela França. Real ou simbolicamente, seus corpos foram transferidos para ser honrados. De Reuilly-Sauvigny a Pont-Audemer, para o zuavo. De Bordeaux a Fleury d’Aude, para o oficial desertor. De Verdun ao Mende, para o filho do prefeito. Mas, como salienta Carine Trevisan (2001), esses itinerários são também reescritas da história. Eles mostram bem como as famílias se encarregaram dos

relatos da morte, e como elas os recompuseram à sua maneira, transformando-os quando necessário.

Duas lógicas então se opõem. De um lado, aquela do Estado, que, sob o pretexto da atribuição dessa menção geral de “morto pela França”, criou essa massa coletiva de mortos que assimila os destinos individuais<sup>21</sup>. Depois da guerra, o culto do soldado morto no campo de honra constitui a religião nacional (Mosse, 1990). No entanto, à margem desse imenso canto patriótico, inúmeras outras vozes se elevaram. Aquelas das famílias que, na intimidade e no segredo, escreveram, à sua maneira, outra história em memória de um filho ou de um marido amado.

## Referências

- BECKER, J.-J. 2002. *Un ethnologue dans les tranchées août 1914-avril 1915: lettres de Robert Hertz à sa femme Alice*. Paris, CNRS Editions, 265 p.
- BECKER, J.-J. 1977. *Comment les Français sont entrés en guerre?* Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 515 p.
- EKSTEINS, M. 1989. *Rites of Spring: The Great War and the Birth of the Modern Age*. Boston, Houghton Mifflin Company, 396 p.
- HARDIER, T.; JAGIELSKI, J.-F. 2001. *Combattre et mourir pendant la Grande Guerre (1914-1925)*. Paris, Imago, 375 p.
- HYNES, S. 1990. *A War Imagined*. London, The Bodley Head, 514 p.
- MOSSE, G.L. 1990. *Fallen Soldiers: Reshaping the Memory of the World Wars*. Oxford, Oxford University Press, 264 p.
- OTT, S. 2008. *War, Judgment, and Memory in the Basque Borderlands, 1914-1945*. Reno, University of Nevada Press, 252 p.
- PAU, B. 2010. La violation des sépultures militaires, 1919-1920. *Revue Historique des Armées*, 259:33-43.
- PEDRONCINI, G. 1992. *Histoire militaire de la France: 3. De 1871 à 1940*. Paris, PUF, 522 p.
- POURCHER, Y. 1993. La fouille des champs d’honneur. *Terrain*, 20:37-56.
- POURCHER, Y. 1994. *Les jours de guerre: la vie des Français au jour le jour entre 1914 et 1918*. Paris, Plon, 546 p.
- POURCHER, Y. 2006. *Avenue de Carthage*. Rodez, Éditions du Rouergue, 319 p.
- POURCHER, Y. 2005-2006. Les Basques dans la Grande Guerre (II). 14-18, *le magazine de la Grande Guerre*, 29:44-53.
- SCHMITT, C. 1992. *La notion de politique*, Paris, Flammarion, 323 p.
- THEBAUD, F. 1986. *La femme au temps de la guerre de 14*. Paris, Stock, 319 p.
- TREVISAN, C. 2001. *Les fables du deuil*. Paris, PUF, 219 p.

Submetido em: 02/12/2010

Aceito em: 03/06/2011

Yves Pourcher  
 Université de Toulouse II – Le Mirail  
 Allées Antonio-Machado – 31058  
 Cedex 9, Toulouse, France

<sup>20</sup> *La Croix de la Lozère*, domingo, 10 de julho de 1921.

<sup>21</sup> Para a Inglaterra e principalmente para a ideia da perda e da falta geradas pela guerra, ler Hynes (1990).